

PENÉLOPE

FAZER E DESFAZER A HISTÓRIA

PUBLICAÇÃO QUADRIMESTRAL — Nº 8 • 1992

DIRECTOR
A. M. HESPAÑA

REDACÇÃO

Ávaro Ferreira da Silva (FE-UNL); Amélia Aguiar Andrade (FCSH-UNL); António Costa Pinto (CEHCP-ISCITE); António M. Hespanha (ICS); Bernardo Vasconcelos e Sousa (FCSH-UNL); Carlos Fabião (FLI); Fernando Rosas (FCSH-UNL); Helder A. Fonseca (UE); José Manuel Sobral (ICS); Luís Krus (FCSH-UNL); Luís Ramalhos Guerreiro; Mafalda Soares da Cunha (UE); Maria Alexandre Lousada (FLI); Nuno Gonçalo Monteiro (ICS); Nuno Severiano Teixeira (UE/UCP); Rui Ramos (ICS); Valentim Alexandre (ICS); Vítor Serrão (FLUC); Secretário da Redacção: João Carlos Cardoso

Propriedade do título: Cooperativa Penélope. Fazer e Desfazer a História
Subsídios à Redacção da J.N.I.C.T. e S.E.C.

Os originais recebidos, mesmo quando solicitados, não serão devolvidos.

Na capa: Estatueta do rei D. Afonso Henriques pertencente ao Museu Arqueológico do Carmo. Cortesia da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Foto de Vitor Branco/Campiso Rocha)

© EDIÇÕES COSMOS
e Cooperativa Penélope

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

Capa

Fotolitos: Joerma - Artes Gráficas, Lda
Impressão: Litografia Amorim

Impressão e acabamentos: EDIÇÕES COSMOS

1ª edição: Outubro de 1992

Depósito Legal: 49152/91

ISSN: 0871-7486

Difusão

LIVRARIA ARCO-ÍRIS

Av. Júlio Dinis, 6-A Lojas 23 e 30 — P 1000 Lisboa

Telefones: 795 51 40 (6 linhas)

Fax: (1) 796 97 13 • Telex 62393 VERSUS-P

Distribuição

EDIÇÕES COSMOS

Rua da Emenda, 111-1º — 1200 Lisboa

Telefones: 342 20 50 • 346 82 01

Fax: (1) 796 97 13

Marc Bloch – A História e o Historiador.
Comentário à obra de Carole Fink, *Marc Bloch – A Life in History*
(Cambridge, Cambridge University Press, 1989)

José Manuel Sobral

Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa

Se há nos nossos dias uma orientação influente nos estudos de História, ela é, sem dúvida, a que aparece ligada à revista francesa *Annales*. Desde a sua fundação, em 1929, os *Annales* conheceram uma rápida ascensão que os levou de um lugar periférico a uma posição dominante no meio académico francês, acompanhada em seguida pelo alargamento da sua influência no plano internacional.

A história da revista confunde-se necessariamente com a dos seus fundadores e primeiros directores, Marc Bloch e Lucien Fèbvre, e a do seu sucessor, Fernand Braudel. As suas obras expuseram os modelos analíticos e os procedimentos metodológicos e definiram os objectos de interesse historiográfico que os trabalhos dos seus discípulos reproduziram. As mudanças que entretanto tiveram lugar não alteraram até agora o essencial do paradigma dos *Annales*¹.

O triunfo progressivo do tipo de historiografia proposto por Bloch e Fèbvre deveu-se a duas ordens de factores: primeiro, à conjuntura científica do tempo em que viveram, marcada pela importância dada às ciências sociais, o que vinha beneficiar um modelo de História que nelas se inspirava de um modo claro. Depois, porque a qualidade das obras dos seus mentores e a capacidade englobante do seu projecto permitiram manter ao longo de décadas uma estratégia ofensiva no seio da disciplina, coroada pela conquista de posições dirigentes na instituição universitária. Este trajecto, cuja reconstituição é essencial para se poder compreender plenamente o sentido da doutrinação e o êxito dos *Annales*, permaneceu até agora quase inteiramente na penumbra. Pouco se sabia da vida dos seus fundadores, Marc Bloch e Lucien Fèbvre, apesar de estes serem individualidades conhecidas, mesmo para além dos limites da vida académica. Se em relação ao segundo — professor do Collège de France e o mais famoso historiador do pós-guerra num universo intelectual ainda francófilo — se podia dispor do testemunho directo dos seus numerosos

¹ Uma síntese rigorosa do projecto dos *Annales* encontra-se em Georg G. Iggers, *New Directions in European Historiography*, cap. II, «The *Annales* Tradition — French Historians in Search of a Science of History», Londres, Methuen, 1984 (2ª ed.), pp. 43-79.

discípulos, pelo menos para os tempos mais recentes, tais testemunhos eram mais escassos no caso de Bloch, a quem a morte privara de uma corte e de laços pessoais com muitos dos seus seguidores no plano intelectual. Além das suas biografias, outros aspectos da vida da revista permaneciam inteiramente desconhecidos, já que a produção existente ou se restringia a aspectos parcelares da sua actividade ou era de teor apologético e sem grande valor informativo².

Com a publicação de *Marc Bloch — A Life in History*, de Carole Fink, ficamos a saber muito. De Bloch, por certo, mas também de Lucien Fèbvre, da revista que fundaram, da historiografia que defenderam, da universidade e da sociedade em que ensinaram e viveram.

2. A biografia de Bloch começa de um modo clássico pelos seus ascendentes, judeus da Alsácia. O primeiro a ser referido é o seu bisavô, Gabriel Bloch, combatente dos exércitos da França revolucionária, que libertara os judeus do *ghetto* e fizera deles cidadãos livres. Seu avô, director da escola hebraica de Estrasburgo, verá a derrota dos franceses perante a confederação germânica dirigida pelos prussianos. O pai, que se afasta do universo judaico, é educado num estabelecimento de elite, a *École Normale Supérieure*, e segue uma carreira académica como professor de História da Antiguidade, que o conduz à Sorbonne. Esta relação de um meio judeu culto com o Estado que abolira a discriminação anti-semita e lhes proporcionara, entre outras vias, a ascensão social através do ensino, irá sedimentar-se com a III República. Este regime, saído da derrota e da guerra civil — Comuna de Paris —, procura forjar uma nação de cidadãos apta a lutar por um lugar cimeiro na Europa e na partilha colonial da África e da Ásia³. A instrução é, com o exército, um elemento fulcral dessa política. O campo intelectual será, aliás, um campo de batalha, e o reconhecimento dos contributos científicos germânicos é acompanhado pelo confronto, nomeadamente quando parecem envolver afirmações de superioridade nacional. A História, instrumento de eleição do discurso nacionalista, dominada em finais do século pelo prestígio dos autores alemães, tem um papel fundamental no conflito, o que explica em muito a importância conferida na época à disciplina.

A ascensão de uma pequena elite judaica, que incluía no meio escolar personagens como Bergson ou Durkheim, foi acompanhada por uma reacção nacionalista xenófoba e anti-semita. O caso Dreyfus verá oporem-se dois modos contraditórios de conceber a identidade nacional. Para uns, a maioria da esquerda de então, ela alicerça-se no legado da Revolução Francesa, na democracia parlamentar, na

² Basta cotejar, no que se refere apenas a Bloch, esta biografia com os textos mais aprofundados sobre Bloch publicados até então: de Jacques Le Goff, o prefácio à obra de Marc Bloch *Les Rois Thaumaturges* (Paris, Gallimard, 1983, 3ª ed.); de Daniel Chirot, «The Social and Historical Landscape of Marc Bloch» in Theda Skocpol (ed.), *Vision and Method in Historical Sociology*, Cambridge, CUP, 1984, pp. 22-46.

³ Cf. Eugen Weber, *Peasants into Frenchmen — the modernization of rural France 1870-1914*, Londres, Chatto & Windus, 1979 (2ª ed.).

cidadania política. Para outros, de um modo genérico a direita, as suas bases encontram-se na sua suposta especificidade étnica ou religiosa. O bloco dreyfusard, democrata, reformista e socialista, onde se destacam Zola, Jaurès, Durkheim, Péguy, opõe-se vitoriosamente ao campo antiliberal e anti-semita, onde já se salienta o núcleo doutrinário da *Action Française* de Maurras. O pai do futuro historiador encontra-se entre os defensores de Dreyfus. Bloch, nascido em 1886, será marcado de um modo duradouro por este conflito. Os ideais desta geração, que ligará expressamente à sua genealogia intelectual, serão os seus. O modo como vê o papel do intelectual é também uma herança deste tempo⁴.

Tal como seu pai, Bloch segue o *cursus honorum* escolar: liceu de elite, École Normale Supérieure, estágios no estrangeiro (Alemanha). A escola e a família fornecem as aptidões que a sua vida irá revelar: hábitos de trabalho, consideração elevada atribuída à sua ocupação, rigor. Inserem-no também nas redes de sociabilidade da nata universitária. Casa no seu meio e na sua classe social — com uma judia originária de uma família de académicos e altos funcionários. Todo este património poderá explicar, em grande parte, o carácter afirmativo e seguro da sua personalidade, tanto no plano intelectual como no político.

Estes traços expandem-se e consolidam-se durante os anos 20 e os primeiros anos da década de 30. O sucesso profissional, no plano interno como no internacional, espera o jovem oficial patriota saído vitorioso da Grande Guerra. O historiador inovador encontra uma instituição agressiva e devidamente financiada — a universidade de Estrasburgo, de novo francesa, apostada em apagar a recordação da sua congénere alemã — onde os seus projectos são acolhidos. Associa-se a Fèbvre, com quem funda os *Annales*. Dedicar-se intensamente à escrita. O volume e a variedade da sua produção testemunham a criatividade e o optimismo desta época da sua vida.

Irá viver os últimos anos deste período sob um signo oposto. A polarização social e política traz à superfície as divisões antagónicas da *nação* francesa e com elas as fracturas do ideal político de Bloch: uma república meritocrática e racionalista, uma sociedade democrática de cidadãos formados pela escola. Cresce aquele que foi sempre para si o maior dos inimigos: a velha extrema-direita racista, que agora encontrava nas fronteiras a inspiração nazi e fascista. A angústia que lhe provoca a conjuntura política é reforçada pela amargura no plano pessoal. Conhece o fracasso: tal como seu pai, não conseguirá entrar no Collège de France, tendo de se contentar com uma cátedra na Sorbonne. Estas lutas deixarão feridas, avivadas por uma memória tenaz. Não se esquecerá da tibieza e do compromisso de que os colegas deram provas nem da permeabilidade do universo académico às pressões externas — no seu caso, ao anti-semitismo. O seu temperamento de lutador permanece, contudo, intacto, se é que não se consolidou perante as provações que teve de enfrentar.

⁴ Cf. Carole Fink, *Marc Bloch — a life in history*, p. 13 e ss., e Zeev Sternhell, *La Droite Révolutionnaire, 1885/1914 — Les origines françaises du fascisme*, Paris, ed. du Seuil, 1978.

3. Os escritos de Marc Bloch abrangem os temas mais diversos, da história económica e social à das mentalidades, do período medieval, ao qual consagrou quase toda a sua actividade de historiador, à época contemporânea. De entre eles destacam-se quatro obras principais: *Les Rois Thaumaturges* (1924), *Les Caractères Originaux de l'Histoire Rurale Française* (1931), *La Société Féodale* (1939-40) e *Apologie pour l'Histoire ou Métier d'Historien* (1949)⁵. A primeira é um estudo sobre o poder taumatúrgico atribuído aos reis de França e de Inglaterra: acreditava-se que o toque das suas mãos, sagradas em virtude da unção divina, curava os atingidos pelas escrófulas, uma espécie de tuberculose. Esta crença mult centenária, pois vem do período medieval ao século passado, é tomada por Bloch como sinal de uma mentalidade bem distinta da do homem do seu tempo — ao universo da superstição, sem fundamento objectivo (científico) para a crença, contrapunha o autor uma mentalidade guiada pela razão científica, que predominaria na sua época. O interesse de Bloch por um fenómeno deste tipo reflecte o seu conhecimento da produção contemporânea em sociologia e antropologia. A teorização de Durkheim atravessa estas páginas. Nele colheu a concepção da religião como representação sagrada do universo social e do ritual como elemento constitutivo da sociedade⁶. A antropologia evolucionista de Frazer e os estudos de Lévy-Bruhl, sobre o carácter específico da mentalidade primitiva, influenciam também esta análise, que vê essas crenças como índices de uma mentalidade separada na escala do progresso da do homem racionalista dos nossos dias⁷. A esta génese intelectual, já referida por outros autores, acrescenta Fink o contributo do contexto em que Marc Bloch vivera até então: o impacto público dos rituais das monarquias britânica, germânica e austro-húngara, a vivência da guerra, onde a reprodução de crenças através do boato teria despertado o seu interesse para fenómenos que, como ele também não possuiriam, em seu entender, um fundamento objectivo⁸.

Este contacto estreito entre experiência de vida e pesquisa é detectável em outros textos de Bloch. Por exemplo em *Les Caractères Originaux....* Aqui, Bloch propõe-se analisar a organização do espaço rural francês, que encontra dividido em três tipos diversos: os campos abertos do Norte, com rotação trianual de culturas, cultivados com charrua, zona de uma forte organização comunitária; os campos

⁵ Carole Fink publica em apêndice uma bibliografia detalhada de Marc Bloch. Há tradução portuguesa das duas últimas obras referidas.

⁶ Cf. Émile Durkheim, *Les formes élémentaires de la vie religieuse*, Paris, PUF, 1985 (1ª ed., 1912).

⁷ Ver: Marc Bloch, *Les Rois Thaumaturges*, o.c., incluindo o prefácio de Jacques Le Goff à mesma obra; Stanley Jeyaraja Tambiah, *Magic, science, religion and the scope of rationality*, Cambridge, CUP, 1990, pp. 84-90.

⁸ Carole Fink, o.c., pp. 109-115. A análise da produção da crença por meio do boato no contexto da Grande Guerra é feita por Marc Bloch em «Réflexions d'un historien sur les fausses nouvelles de la guerre», in M. B., *Mélanges Historiques*, tomo I, Paris, Éd. Serge Fleury & École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1983 (reed.), pp. 41-57.

irregulares das zonas montanhosas do Sul, trabalhados pelo arado, de rotação bianual e hábitos de comunidade menos desenvolvidos; os terrenos da França central e ocidental, uma paisagem agrária de colinas com floresta, um *habitat* disperso, campos fechados, processos variados de cultivo, com uma forte autonomia dos produtores individuais. A explicação avançada para estas distintas espacialidades é social. Refutando as interpretações de carácter rácico, que viam nos diferentes tipos de estruturação do espaço o sinal da colonização do solo por etnias diferentes, Bloch concebe tal disposição como o resultado de um processo histórico complexo, em que entram factores climáticos, orográficos, tecnológicos, económicos, religiosos, mentais. O espaço era, em suma, o produto da acção humana⁹.

A síntese que Bloch consagra ao período medieval, *La Société Féodale*, é o exemplo acabado da historiografia que defendeu. Assenta na comparação — que para Durkheim representava o equivalente, nas ciências sociais, da experimentação nas ciências da natureza — entre espaços distintos. A observação do feudalismo não se restringe ao seu lugar clássico europeu. O Japão, potência em ascensão desde os começos do século, é incluído no estudo. A sociedade feudal é pensada como uma totalidade interrelacionada de factos económicos, sociais — onde inclui as relações de parentesco — de estruturas de poder e manifestações culturais, de modos de sentir e de pensar¹⁰. É uma história social, que diminui o relevo conferido aos fenómenos políticos em sentido estrito — os relativos à realeza, por exemplo — cuja influência na génese dos factos que procura estudar é reduzida ou nula. É uma História associada à economia, à sociologia, à geografia, à psicologia, à antropologia, actividade tributária destas disciplinas, mas que preserva a sua especificidade, na medida em que, ao invés destas, procura capturar a dimensão temporal, processual, dos fenómenos sociais.

A sua obra, que teve precursores em figuras como o historiador belga Henri Pirenne, inova também a outros níveis da reflexão histórica, como sucede com a problematização da temporalidade. Até então, as categorias do tempo cronológico linear eram tidas como um referente *natural* da explicação histórica. Tal fazia sentido para uma historiografia centrada em personagens, cujas existência ou acção relevante podiam ser situadas face a um tempo pensado como contexto de ocorrência dos factos históricos. Deixava de o ter para uma História inspirada pelas ciências sociais e motivada por um ideário democrático, cujos sujeitos eram actores colectivos e anónimos e em que o tempo era pensado como dimensão dos próprios fenómenos. O caminho que levaria mais tarde Braudel à sua conceptualização do tempo passa possivelmente pela influência de Bloch¹¹.

⁹ Marc Bloch, *Les Caractères Originaux de l'Histoire Rurale Française*, Paris, Armand Colin, 1968 (2ª ed.), p. 56.

¹⁰ Marc Bloch, *La Société Féodale*, Paris, Albin Michel, 1968 (4ª ed.).

¹¹ Marc Bloch, *Apologie pour l'histoire ou métier d'historien*, Paris, Armand Colin, 1974, pp. 36-50. A ideia de que sociedades diferentes percepções do tempo (e historicidades),

Um outro aspecto é, como se disse, o uso sistemático da comparação, na busca de traços específicos generalizáveis de sistemas sociais ou mentalidades, que não se cingissem ao quadro do Estado-Nação. Por fim, deve salientar-se a aplicação da análise regressiva. Esta apresentava a pesquisa Histórica como genealogia de processos sociais operada a partir de um presente determinado — por exemplo, a paisagem rural da França contemporânea —, explicitando assim a articulação entre o passado e o presente, que está subjacente tanto à explicação em História, construção do historiador, como ao interesse social pelo passado¹².

4. Bloch nunca veria publicada a última destas obras, *Apologie pour l'Histoire...*, escrita sob a ocupação alemã. Resumo de uma vida de pesquisa, com o carácter de um testamento historiográfico — o testamento propriamente dito data também desta época —, é uma reflexão sobre a metodologia da disciplina, acompanhada da defesa da sua importância social. A História que aqui se defende é a História total de uma sociedade concebida à maneira de Durkheim — daí a importância que Bloch e Fèbvre davam ao estudo das mentalidades, termo equivalente à «consciência colectiva» do sociólogo, cimento da sociedade e chave explicativa do comportamento humano¹³. História de conjuntos, de estruturas, em que os comportamentos humanos são sobretudo pensados como indícios das mesmas e não como agentes do processo de estruturação. Por isso, a História que escreveu, por certo para se demarcar da historiografia anterior, centrada nos efeitos da vontade individual, não teve como preocupação central a análise dos mecanismos da acção humana, muito embora lhe atribuisse significativamente um papel decisivo como factor histórico, o que é notório nos seus ensaios políticos, onde às próprias atitudes individuais — por exemplo as dos comandantes e oficiais do exército francês em 1939/41 — é atribuído um peso determinante¹⁴.

Não sendo um livro de teoria — como quase todos os profissionais do ramo, Bloch via na tendência para valorizar a reflexão teórica o perigo de esta última vir a ocupar o lugar da pesquisa empírica — a *Apologie* é uma exposição de princípios que permite resumir a sua epistemologia. A História apresenta-se como análise de uma realidade objectiva, que existe independentemente do observador. Esta realidade é composta tanto por processos apreensíveis de um modo imediato como por outros aos quais apenas se tem acesso indirecto — as estruturas — e que encerram

tendo vindo a ser trabalhada de um modo sistemático por Anthony Giddens (que incorpora, aliás, a contribuição de Braudel). V. nomeadamente, A.G. *Central Problems in Social Theory*, Londres, The MacMillan Press, 1982 (2ª ed.), pp. 198-233. Ainda a respeito da concepção do tempo, impõe-se a referência à obra de Durkheim, que havia defendido a sua génese social. Cf. É.D. *Les formes élémentaires...*, o.c..

¹² Cf. Marc Bloch, *Apologie...*, o.c., pp. 44-50.

¹³ Carole Fink, o.c., p. 108 e ss.

¹⁴ Leiam-se as suas páginas vibrantes de acção individual em (trad. inglesa) *Strange Defeat*, Nova Iorque e Londres, W.W. Norton & Company, 1968. Sobre a relação indivíduo/sociedade ver M. Bloch, *Apologie*, o.c., p. 128.

a explicação dos primeiros. Esta concepção realista de Bloch não se esgota na sua dimensão objectivista: à análise dos factos sociais como *coisas* junta-se o estudo dos significados, a compreensão¹⁵.

O realismo epistemológico, que subjaz à historiografia de Bloch, é o fundamento da abordagem comparativa de instituições, práticas ou mentalidades diferentes. A regularidade e a reprodutibilidade do mundo social possibilitam, segundo o historiador, a explicitação dos mecanismos de causalidade que operam no tempo histórico, generalizações e mesmo previsões assentes na probabilidade. É uma ciência que se demarca do positivismo, em várias das acepções que o termo habitualmente recobre. Está tão distante da historiografia positivista, que dominava o ensino nos seus tempos de estudante, a qual via no historiador um mero informador dos acontecimentos do passado, submetidos ao crivo da crítica documental, como do positivismo lógico, que defendia ser possível produzir uma História modelada pelas ciências da natureza, operando de acordo com um paradigma nomológico-dedutivo. A História é, para Bloch, uma ciência distinta, tal como as outras ciências humanas, das ciências que tratam da natureza física, cuja ambição epistemológica, aliás, relativiza. Ciência na *infância*, a História não tem leis¹⁶.

5. Esta posição explica o seu repúdio de uma teoria acabada da História, que se manifesta, por exemplo, face ao marxismo. Bloch não reconhece qualquer papel determinante à esfera produtiva, nem pensa em termos dialécticos a relação entre as actividades de produção, a estrutura da sociedade e as representações colectivas. O historiador tinha um conhecimento superficial do marxismo, embora utilize na sua obra categorias afins às de Marx ou que traduzem a sua influência. Por exemplo, a caracterização da nobreza como *classe dominante* dos tempos feudais ou a análise das representações sociais específicas deste grupo como relevando da *consciência de classe*. Ou a conceptualização das classes sociais fundamentais da sociedade rural medieval, senhores e camponeses, nos termos de uma relação de oposição, fundada na exploração dos segundos pelos primeiros¹⁷.

Aos leitores da obra de Fink estas posições revelam coerência com a origem, a trajectória social, os ideais e as opções políticas de Bloch, um democrata reformista

¹⁵ Marc Bloch, *idem*, p. 26 e pp. 117-130. A apresentação de argumentos favoráveis a uma epistemologia realista em História, que inclui uma apreciação da obra de Bloch, é feita por Christopher Lloyd in *Explanation in social history*, Oxford, Blackwell, 1986, em especial pp. 96-177 e 243-254.

¹⁶ Cf. Marc Bloch, *ibidem*, pp. 19-30. É interessante seguir a este respeito a demarcação que Bloch faz das suas posições, tanto em relação ao seu velho professor Seignobos como face a Durkheim, num debate que os reuniu: «Débat sur l'explication en histoire et en sociologie» (1908), in Emile Durkheim, *Textes*, vol. I, Paris, Les Éditions de Minuit, 1975, pp. 199-217. Veja-se também a este respeito a análise da historiografia de Bloch feita por Paul Ricoeur in *Temps et Récit*, vol. I, Paris, Éd. du Seuil, 1983, p. 143 e ss..

¹⁷ Ver Marc Bloch, *La Société Féodale*, o.c.. Uma breve apreciação crítica de Marx, em que se recusa ver nos seus escritos as «Sagradas Escrituras» (*sic*), atribuindo-lhe contudo um lugar cimeiro na análise da questão social, encontra-se em *Strange Defeat*, o.c., p. 152.

de esquerda. O meio em que nasceu e a elite académica de que fazia parte eram também algo bem diverso socialmente do mundo das classes trabalhadoras e dos seus partidos, onde o marxismo tinha acolhimento. A distância entre ambos os meios sociais não era, no entanto, intransponível e houve momentos, como a guerra, em que se encontraram em contacto e que permitiram ao historiador o reconhecimento do seu valor humano. Bloch não poupa, no entanto, nos seus últimos anos, os trabalhadores e as suas organizações sindicais e políticas, culpados, em seu entender, tal como as classes dominantes e a elite política, da vivência derrotista que se materializaria na capitulação de 1940, por apenas procurarem realizar os seus objectivos estreitos de classe. Para Bloch, os interesses específicos dos trabalhadores, como os das outras classes, deviam subordinar-se aos dessa realidade social fundamental que era a *comunidade nacional*¹⁸. Bloch é um patriota francês da III República, um professor crente nas virtualidades da escolarização como aprendizado da cidadania, fundamento de um Estado nacional assente no sufrágio eleitoral vivido como comunidade geradora de laços sociais, que se sobrepoem a todos os outros: aos de classe, aos de opinião política, aos de religião. A sua condição judaica, por exemplo, que nunca negou, é subordinada à sua qualidade de cidadão francês.

A sua biografia revela-nos a perdurabilidade destes valores, que eram os da sua juventude¹⁹. Não parecem abalados, antes reforçados, numa conjuntura em que são violentamente contestados, quer pela direita fascizante e antiliberal, para quem a democracia é sinal de decadência e corrupção, quer pela esquerda radical, que os associa à dominação burguesa. Esta sua posição terá alguma relação, porventura, com a preocupação com as ordem e coesão sociais da sociologia de Durkheim²⁰. No decurso da sua vida, nos conflitos que enfrentou na universidade e na vida política, estes valores constituem um esteio seguro. São eles que habitam as últimas páginas que escreveu, dedicadas à reflexão sobre a conjuntura, o papel da História e as reformas pedagógicas indispensáveis à construção da nova França, que sairia dos escombros da II Guerra Mundial. Por eles combate até à morte na Resistência, em 1944.

6. A biografia escrita por Carole Fink teria sido certamente do agrado do companheiro de Bloch, Lucien Fèbvre, que cultivou o género. O estudo da vida do historiador assenta numa interacção sistemática entre a análise do contexto e a do sujeito, num período que decorre desde a formação do grupo doméstico dos seus pais, no último quartel do século XIX, até quase aos nossos dias, já que não se detém na sua morte, abordando o destino da historiografia que defendeu. O volume de fontes, escritas ou orais, em que se apoia o seu trabalho é extenso. Nos arquivos estatais ou institucionais, nas memórias íntimas — o que inclui o espólio documental de Lucien Fèbvre, que permite, além do mais, avaliar o percurso de uma amizade que

¹⁸ Cf. *Strange Defeat*, o.c., p. 134 e ss..

¹⁹ Carole Fink, o.c., p. 303.

²⁰ Idem, p. 303 e ss. e também sobre as implicações sociais da visão de Durkheim, E. J. Hobsbawm, *The Age of Empire*, Londres, Weidenfeld and Nicolson, 1987, pp. 273-275.

permaneceu firme até ao fim, resistindo às divergências entre ambos nos últimos anos de vida de Bloch — procurou Fink os testemunhos que lhe permitiram reconstituir o universo social e intelectual de Bloch. O seu trabalho é também uma excelente história das ideias, articulada com os conflitos sociais e políticos do tempo e com as lutas internas do campo universitário. A sua análise da participação de Bloch no mesmo, das guerras de facções e clientelas, da relação entre a academia e o poder, constitui de igual modo uma peça importante de sociologia histórica do «*homo academicus*». Mas o seu livro é muito mais do que isto. É uma reconstrução, que em muitos aspectos se afigura verosímil, do universo emotivo de Bloch, é a história de uma vida que nos faz reviver o optimismo e euforia dos tempos do pós-guerra, a angústia e o empenhamento combativo dos seus últimos anos.

O suporte de todo este trabalho é uma enorme admiração por Bloch, que consegue transmitir ao leitor. Ao longo das suas páginas acompanhamos o historiador numa actividade prodigiosa, reveladora da sua paixão pela disciplina e da sua crença no papel social da mesma²¹. É um sentimento que não pára de crescer ao longo da obra, quando avaliamos a profundidade das suas opções e sobretudo a coragem com que enfrentou o ruir de um mundo por cujos valores deu a vida.

A imagem épica deste Prometeu historiador será porventura a responsável por algumas objecções que se podem colocar a este texto. Não há, por exemplo, num trabalho que possui um carácter exaustivo, uma análise crítica da historiografia de Bloch, em função do estado actual da disciplina. Mesmo quando se refere à posteridade, à herança do historiador — ou menciona as contestações de que tem sido objecto o percurso mais recente dos *Annales* —, prevalece uma aprovação tácita, na medida em que a sua obra não é directamente confrontada com as críticas que suscitou²². Há uma deferência excessiva perante a obra de Bloch, que merecia, pelo contrário, ser tratada do modo crítico que lhe era peculiar. Só este tipo de leitura faria justiça aos debates que esta tem suscitado e à inspiração que exerceu não apenas na disciplina mas também nas restantes ciências sociais, com um destaque particular para a sociologia histórica e para a antropologia²³. A antropologia evolucionista de Bloch, a sua História assente no primado dos mecanismos de estrutura, os pressupostos da sua própria concepção de sociedade deveriam ter conduzido a autora a um

²¹ Entre muitos textos sobre a importância social e política da história valerá a pena destacar «Que demander à l'histoire?», in Marc Bloch, *Mélanges Historiques*, tomo I, o.c., pp. 3-15.

²² Muito embora Fink enumere exaustivamente críticas dirigidas não tanto a Bloch mas aos *Annales*, pp. 329-346. Acrescentaria, à bibliografia que cita, dois estudos centrais: Stuart Clark, «The *Annales* Historians» in Quentin Skinner, ed., *The Return of Grand Theory in the Human Sciences*, Cambridge, CUP, 1985; Michael Gismondi, «The gift of theory: a critique of the *histoire des mentalités*», in *Social History*, vol. X, n.º 2, Maio de 1985, pp. 211-230.

²³ Cf. E. E. Evans-Pritchard, *Anthropology and History*, Manchester, Manchester University Press, 1971 (2ª ed.).

exame analítico mais aprofundado, na esteira, aliás, de outras investigações²⁴. Mais do que os problemas específicos da sua historiografia, merecia uma reflexão mais prolongada todo o eixo desta interpretação biográfica, que assenta na correspondência estreita entre epistemologia científica e atitude do cientista, entre posição realista no plano do conhecimento, valorização do papel social da História e compromisso do historiador. As páginas em que aflora esta questão, como aquelas em que mostra que a contestação aos *Annales*, e de um modo genérico à história social, coincide com o progresso do conservadorismo nos meios académicos desde os finais dos anos 60, de modo algum preenchem essa lacuna²⁵.

Esta atitude reverente perante a obra prolonga-se de certa maneira no retrato que nos é oferecido do autor: o de um sujeito feito de uma só peça, sem fissuras entre a vida e a obra, cuja existência se apresenta como a realização sem contradições das virtualidades e dos projectos dos seus anos de formação. Terá sido exactamente assim? Este Bloch sem vícios, sem erros e sem medo, quase sem outras paixões além da família, da pátria e da História, parece excessivamente distante do comum dos mortais. Por isso é bem possível que à veneração perante a sua pessoa, reforçada pelos testemunhos repletos de devoção dos que com ele conviveram, se juntem neste retrato os efeitos inerentes ao pendor teleológico do discurso biográfico²⁶. Tanto mais que os seus escritos, e muito em particular os de intervenção, nos mostram uma personalidade segura e afirmativa, caracterizada por uma correspondência estreita entre intenção e acção, coerente com a imagem que Fink nos transmite. Mas quem acredita que as autobiografias são o reflexo fiel da vida dos seus autores?

Nunca teremos provavelmente resposta para estas interrogações. Entretanto, ficamos a dispor da biografia minuciosa e apaixonada de um historiador que amava a vida e que foi, no rigor científico e no empenhamento humano, o oposto dos funcionários conformistas que todos conhecemos.

²⁴ Nomeadamente Clark e Gismondi, citados na nota 22.

²⁵ Cf. Carole Fink, o.c., pp. 329 e seguintes. Como em tudo o que diz respeito a esta obra exaustiva, não se trata da ausência de informação mas dos limites de uma perspectiva, que se fica por vezes pelo enunciado dos problemas que levanta.

²⁶ Estas considerações sobre o carácter finalista da biografia são directamente inspiradas pelas considerações de Pierre Bourdieu in «L'illusion biographique», *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, nº 62/63, Junho de 1986, pp. 69-73.